

arquivo



administração

PUBLICAÇÃO OFICIAL
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS
v. 8 n. 2 agosto 1980

*A desordem
documental no Brasil
Burocracia
e desenvolvimento*

0373 Clas. PER
& Administração
2
ago. 1980

,00

100-2244

Do ouro à arte sacra*

Um catálogo da vida musical do Brasil Colônia

Não só ouro produziram as Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. Nessa época próspera para a economia mineira, as manifestações artísticas também encontraram solo fértil. A mais religiosa de todas as artes, a música, teve lugar marcante nessa sociedade, onde a Igreja, além de sua significação espiritual, teve a missão de integrar socialmente um povo de várias procedências e etnias que chegavam às Minas Gerais em busca da riqueza da terra.

Remanescentes deste período atuam até hoje em Minas, sobretudo na região de São João del Rei, Prados e Tiradentes, orquestras e liras, constituídas de músicos amadores, que prosseguem preservando o valioso patrimônio da música sacra mineira.

No intuito de contribuir para esse esforço de preservação, a PUC do Rio de Janeiro e a Funarte, com o apoio da Xerox do Brasil e da Fundação Roberto Marinho, desenvolveram um projeto de levantamento, microfilmagem e catalogação dos acervos das agremiações musicais, Confrarias, Irmandades e Ordens Terceiras da região.

O catálogo foi lançado no dia 17 de junho em solenidade realizada no Salão Rio de Janeiro do Rio Palace Hotel. Da programação constou um concerto da Orquestra de Câmara de Niterói e do Coral da PUC, sob a regência do maestro Roberto Duarte. Foram apresentadas obras do barroco mineiro de autoria do padre Maurício Nunes Garcia, Manuel Dias de Oliveira, José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita e padre José Maria Xavier.

Houve uma exposição fotográfica sobre arte sacra e uma homenagem foi prestada a todos os regentes de orquestras e liras de Minas Gerais.

Um coquetel encerrou a comemoração durante a qual foi lançado o terceiro disco da Orquestra Ribeiro Bastos, de São João del Rei, intitulado *Novenas do Carmo*.

Até a década de 40, um grande mistério envolvia a vida musical do Brasil Colônia. Acreditava-se que a história da música brasileira começasse somente a partir do século XIX, e alguns musicólogos afirmavam mesmo que qualquer composição anterior a este período não poderia ter, de antemão, qualquer valor.

* Extraído de *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1980, p. 31.



A Lira Sanjoanense, de São João del Rei, tem um dos principais arquivos de música sacra da região

Quando o musicólogo Francisco Curt Lange, que a partir de 1944 iniciou uma pesquisa sistemática sobre o período colonial brasileiro, revelou ao mundo a existência de uma importante escola de composição na Capitania das Minas Gerais, a notícia surpreendeu a todos.

Mas a música sacra mineira sempre esteve presente em cidades como Prados, Tiradentes e São João del Rei, preservada pela atuação de suas orquestras e liras, seus documentos e partituras seculares.

A idéia do catálogo "O ciclo do ouro — o tempo e a música do barroco católico" nasceu em 1951, quando o professor Elmer Corrêa Barbosa apresentou o seu projeto para a preservação da música sacra mineira à direção da PUC/RJ, onde leciona História da Arte.

Mineiro de São João del Rei, Elmer Corrêa Barbosa sempre esteve em contato com a criação musical da região e há muito sabia da existência de preciosos acervos — partituras e documentos — distribuídos entre as orquestras e entidades religiosas locais.

Trabalho pioneiro que incluía levantamento destes acervos, pesquisa minuciosa de toda a documentação existente, sua microfilmagem e posterior edição de um catálogo desse arquivo de microfilmes, o projeto não teve acolhida imediata, por falta de verbas. Mas, em 75, com recursos provenientes da PUC/RJ e Funarte, teve início a fase de pesquisa e microfilmagem que durou dois anos e meio. Com o apoio da Xerox do Brasil, editando o catálogo, e da Fundação Roberto Marinho, copiando para cada orquestra o seu acervo microfilmado e fornecendo os respectivos leitores de microfilmes, o projeto pôde ser finalmente, concluído.

A presença da Xerox do Brasil no projeto se deve, segundo seu presidente, Sr. Henrique Sérgio Gregori, ao estreito vínculo que a empresa criou, desde sua implantação no Brasil, com a preservação da cultura nacional.

— A Xerox do Brasil sempre se considerou uma empresa de comunicação. E como tal tem a convicção de que deve participar de iniciativas de interesse comunitário. Nos empenhamos,

por exemplo, na reedição reprográfica de vários livros que, não obstante seu valor cultural, não despertam o interesse de editoras comerciais.

A pesquisa e a microfilmagem desenvolveram-se nos mais importantes arquivos existentes na região, pertencentes às orquestras e liras ainda atuantes: a Lira Ceciliansa, de Prados, a Orquestra Ramalho, de Tiradentes, a Orquestra Ribeiro Bastos e a Lira São Joanense, ambas de São João del Rei. Do catálogo, com prefácio de Otto Lara Resende, consta um estudo histórico sobre as artes do barroco católico e, mais especificamente, sobre a música sacra mineira e seus principais compositores dos séculos XVIII e XIX, além de reproduções de algumas das peças musicais e documentos microfilmados das orquestras, Irmandades, Confrarias e Ordens Terceiras.

Fora os arquivos pesquisados, parcialmente microfilmados, acredita-se que existam, ainda, outros arquivos, embora menores e desorganizados.

— De qualquer maneira, diz Elmer Corrêa Barbosa, o catálogo “O ciclo do ouro — o tempo e a música do barroco católico” não é, em si mesmo, um objetivo, mas um ponto de partida para outros trabalhos. A nossa preocupação não foi apenas divulgar as obras da música sacra mineira, mas principalmente conceituar este período. Daí o subtítulo “Catálogo de um arquivo de microfilmes — elementos para uma história da arte no Brasil”.

O aparecimento das vilas do Vale do Rio das Mortes remonta à época das bandeiras que, a partir da segunda metade do século XVII, penetraram na região em busca de escravos índios e pedras preciosas. No final do século XVIII, Minas Gerais já se tornara a região mais densamente povoada do Brasil: cerca de 300 mil pessoas viviam

em cidades como Mariana, Ouro Preto, São João del Rei (atual Tiradentes), Sabará, Prados, Diamantina, Congonhas, etc.

Pela primeira vez na História do Brasil, surgia um quadro social completamente diferente do litoral, onde a sociedade se dividia em duas classes — latifundiários brancos e escravos negros — sem a menor chance de mobilidade social. A sociedade mineira surgiu espontaneamente da atração exercida pelo ouro. Nas cidades, praticamente grandes acampamentos, apareceram os brancos livres, mas não latifundiários, e os escravos alforriados. Ao sabor da descoberta de novas pepitas de ouro e de pedras preciosas, grandes fortunas se formavam e, às vezes, mudavam de mãos.

Neste contexto, as Ordens Terceiras, Irmandades e Confrarias desenvolveram o papel fundamental de ordenar verticalmente a sociedade, evitando os conflitos sociais latentes. Estas entidades, apoiadas pelo Rei de Portugal através do Patronato-direito, reconhecido pelo Vaticano, de interferência nos assuntos da colônia, procuravam atrair para as atividades da Igreja o interesse dos diversos grupos sociais. Cada escravo, cada mulato, enfim, cada parcela da sociedade pertencia a uma Irmandade ou Confraria que, nos dias de festa, muito freqüentes, se esmeravam em preparar a festa mais bonita, mais rica. Nesta ocasião todos os escravos tinham folga e os músicos eram contratados para comporem conjuntos completos de obras especialmente para a solenidade. Os espetáculos litúrgicos eram como grandes acontecimentos para os quais convergia toda a vida social da comunidade. Dentro deste espírito surgiram as belíssimas igrejas barrocas e as peças de

inestimável valor da música sacra mineira.

Por tudo isso, qualquer informação sobre as manifestações artísticas das Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX é, segundo o professor Elmer, “impressionista”, se não recorreremos à documentação eclesiástica da época.

— As obras, tanto a arquitetura como a música — ele explica — eram encomendadas por estas entidades religiosas cujos acervos têm, portanto, valiosa documentação: recibos e contratos assinados pelos mais renomados pintores, músicos e arquitetos deste período. É importante citar o Museu da Música da Arquidiocese de Mariana que, inegavelmente, tem o acervo mais completo e bem organizado de Minas Gerais.

Durante a pesquisa destes acervos foram surgindo dúvidas e descobertas, como o documento que prova ser de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, o risco original das Igrejas de São Francisco de Assis, em São João del Rei.

Estimulada e bem paga, a atividade musical gerou, nas Minas Gerais do século XVIII, o aparecimento de cerca de 15 mil músicos e 1.500 compositores.

Com a independência do Brasil e a queda do patronato, as irmandades, já empobrecidas pela extinção do ouro, desapareceram e condicionaram o desaparecimento gradativo das orquestras.

— Pouco a pouco — explica o maestro José Maria Neves, da Orquestra Ribeiro Bastos — a atividade musical deixou de ser profissionalmente: foram amadores, no melhor sentido da palavra, os músicos que asseguraram desde o século passado a sobrevivência das orquestras da região, mantendo esta extraordinária herança cultural.

NOSSA ÚNICA FONTE DE RENDA É A CONTRIBUIÇÃO SOCIAL.
SE VOCÊ JÁ É SÓCIO E NÃO ESTÁ EM DIA, ATUALIZE SEU PAGAMENTO.
A AAB DEPENDE DE SUA PARTICIPAÇÃO.
PARA OBTER A CARTEIRA DE ASSOCIADO DA AAB
BASTA QUE O COLEGA REMETA A NOSSA SECRETARIA UMA FOTOGRAFIA 2x2
E A IMPORTÂNCIA DE Cr\$ 20,00

**Sugestão aos
arquivistas:
peguem parte
do seu dinheiro
todo mês
e arquivem
na letra P.**

Poupança, Caderneta de
Quem poupa conquista o que
a vida tem de melhor.